

LISBOA SUBTERRÂNEA



Electa

Museu Nacional
de Arqueologia

Lisboa
Capital Europeia
da Cultura '94

194

Comentário ao sítio arqueológico de Outorela (Oeiras)

Na costa meridional da Península Ibérica, a presença fenícia encontra-se bem documentada desde o século VIII a.C. (SCHUBART, 1982). Porém, segundo este autor, não se confirmou, até ao presente, qualquer estabelecimento fenício a Ocidente de Cádiz. Assume, assim, particular importância o sítio de Almaraz–Almada, situado em promontório dominando o estuário do Tejo e onde se recolheram, em bolsa de acumulação de detritos, mais de vinte mil fragmentos de cerâmica de verniz vermelho – o maior conjunto até hoje recolhido em Portugal – justamente considerada como um dos produtos fenícios mais característicos.

A tipologia destes materiais não indica cronologia anterior ao século VII a.C. (CARDOSO, 1990; BARROS *et al.*, 1993), tal como os materiais recolhidos desde o princípio do século na Sé de Lisboa (CORREIA, 1924; CARDOSO e CARREIRA, 1993). É lícito supor que um primeiro influxo fenício se tenha exercido nestes povoados, funcionando como importantes locais de troca, essencialmente voltados para o comércio marítimo. Mas, a breve trecho, a difusão das inovações tecnológicas introduzidas pelos fenícios – o ferro e o fabrico da cerâmica em série, possibilitada pela utilização do torno rápido – terá sido assimilada pelas populações autóctones, dispersas em pequenos aglomerados, especialmente pelos férteis solos do lado Norte do estuário. Estão neste caso duas pequenas estruturas agrícolas de carácter familiar: Outorela I e Outorela II (CARDOSO, 1987; CARDOSO, 1990). As estruturas postas a descoberto, de blocos basálticos não aparelhados, como a do Bronze final da Tapada da Ajuda, diferem desta por se apresentarem constituídas por muros rectilíneos, definindo espaços habitacionais de planta rectangular. No espólio, são comuns os grandes recipientes, ânforas e *pythoi*, decorados por bandas pintadas avermelhadas. Além da cerâmica comum, avulta

a cerâmica cinzenta integrando taças, já conhecidas em Almaraz, às quais se juntam recipientes de toque metálico de coloração cinzento-anegrada muito finos representados por jarros em vasos de colo estrangulado de marcado regionalismo. No conjunto, os materiais, embora denotando ainda influências fenícias são, porém, imitações locais ou regionais, donde se encontram ausentes as cerâmicas de verniz vermelho, tão abundantes em Almaraz. Estamos, por conseguinte, perante uma fase cultural ulterior à representada nesta última jazida, embora ainda situável, pela marcada influência oriental do espólio, no final da 1.^a Idade do Ferro. A tipologia de uma fíbula anular, semelhante a outra recolhida na estação vizinha dos Moinhos da Atalaia – Amadora (PINTO e PARREIRA, 1978), é integrável no século VI a.C., atendendo às analogias com homólogas da Fase II da necrópole de Medellín (ALMAGRO-GORBEA, 1990, fig. 6). O tipo de povoamento documentado por estes dois arqueosítios, distantes menos de 1 km, sugere que a estrutura sócio-económica herdada do Bronze final, nesta região, não se teria alterado substancialmente com a introdução de novos materiais e tecnologias. Tal sociedade, claramente estratificada e cujo poder se encontraria sediado em aglomerados «proto-urbanos», teria absorvido tais inovações sem sobressaltos de maior: os férteis terrenos circundantes de Lisboa continuaram a ser intensa e extensamente agricultados por populações descendentes das que, pelo menos, desde o Bronze final, os ocupavam. A crise do mundo fenício do século VI a.C. explica, outrossim, a ausência de materiais verdadeiramente importados, notada em Outorela I e II. Tal como para o Bronze final é lícito, assim, admitir dois momentos no faseamento da 1.^a Idade do Ferro da região ribeirinha do estuário do Tejo e portanto do local onde se viria a fundar, talvez por esta época, a cidade de Lisboa.

JLC